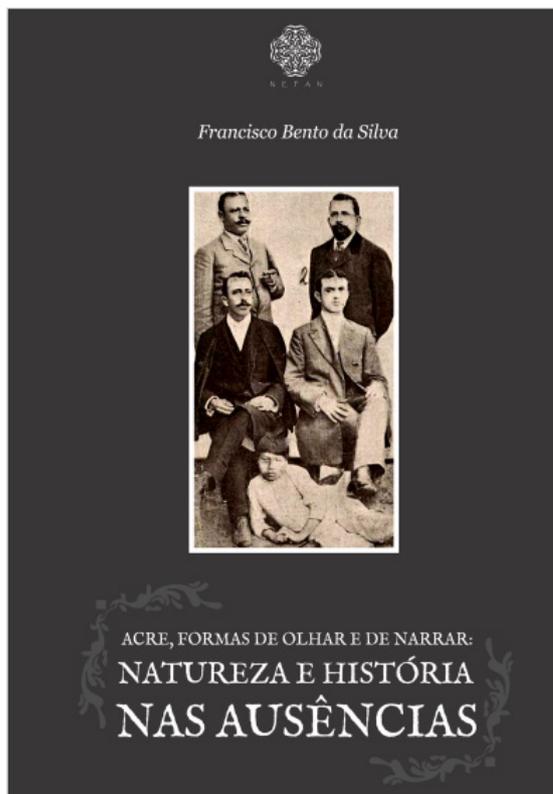


ACRE, UM OLHAR PARA AS NARRATIVAS DAS AUSÊNCIAS

Edinaldo Gonçalves Coêlho

Doutorando em Letras: Linguagem e Identidade - Universidade Federal do Acre

submissão: 13.09.2021 | aprovação: 09.02.2023



Silva, Francisco Bento da. 2020. *Acre, formas de olhar e de narrar: natureza e história nas ausências*. Rio Branco: Nepan.

Francisco Bento da Silva, em sua obra *Acre, formas de olhar e de narrar: natureza e história nas ausências*, publicada em 2020 pela editora Nepan, aborda com sensibilidade histórias e visões sobre a “Amazônia”, com ênfase na história do Acre, levando o leitor para as ausências de vozes apagadas nas narrativas. O autor da obra é professor da Universidade Federal do Acre (UFAC) e tem se dedicado às pesquisas voltadas para as áreas de História e Ciências Sociais, com enfoque em perspectivas sobre o Acre,

nos seguintes temas: golpe militar, ditadura, eleições, partidos políticos, autoritarismo, personalismo político, período territorial, desterros, alimentação, relações campo e cidades e imaginários e representações sobre a Amazônia acriana, conforme informações disponibilizadas em seu Currículo Lattes¹.

A obra “Acre, formas de olhar e de narrar: natureza e história nas ausências” é dividida em prólogo, intitulado “o Acre como caricatura”, quatro capítulos e um epílogo. No capítulo 1, “O Acre como deserto conquistado: amansar e civilizar como missão”, o autor discute as representações narrativas do Acre estado como um “espaço vazio”, sendo visto como um incômodo para a nacionalidade brasileira a partir de 1904. No capítulo 2, intitulado “Bichos, florestas e doenças: o outro mundo selvagem”, Silva (2020) discute os “incômodos”, partindo de diversas fontes de pesquisas, dialogando sobre aspectos humanos e naturais do Acre, com os projetos civilizadores e colonizadores. No capítulo 3, denominado “Indígenas e caboclos no caminho da conquista e da colonização”, o autor centraliza as discussões nas narrativas da “natureza selvagem”, enfocando as populações indígenas e mestiças, refletindo sobre a incapacidade dos povos indígenas de se adequarem à lógica capitalista, apontando um apagamento desses povos nas narrativas analisadas. Por fim, no capítulo 4 intitulado “As disputas pelo Acre: narrativas do risível e do heróico”, Silva (2020) o docente enfatiza a reverberação na imprensa e em outros meios discursivos/comunicativos da época, além das

¹ Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0436209499628660>.

disputas entre Brasil e Bolívia pelo território do Acreacriano. Analisando também como acontece a vinculação entre os fatos e as representações do Acre e dos acrianos. Ainda discutindo as narrativas sobre os “heróis acrianos” e os mitos da origem do Acre estado.

A estrutura da obra, a meu ver, é interessante porque aborda aspectos históricos, sociais e culturais de forma que facilita a leitura e a compreensão dos aspectos da origem da denominação do que se conhece hoje como Acre. O autor demonstra conhecimentos interdisciplinares, ao mesmo tempo que discute, com muita sensibilidade e criticidade, problemas pertinentes encontrados nas narrativas e representações sobre o Acre e seus povos.

No epílogo, Silva (2020) explica ou “desexplica” suas inquietações. Ao citar um poema de Manoel de Barros, reflete sobre a palavra *explicar*. Afirma que ao explicar algo, também se desexplica, pois se criam novas narrativas. Em suas palavras, “O que quero dizer é que todos nós desexplicamos o mundo continuamente, sejamos poetas ou não” (Silva 2020: 11). Nesse sentido, fica claro para o leitor, no epílogo, que o autor não pretende sobrepor uma verdade dos fatos, embora pretenda, por meio de sua narrativa, “Desdizer e desexplicar, remar contra as narrativas hegemônicas que foram sendo tecidas e cristalizadas como as únicas e verdadeiras no mundo gestado pela vaga iluminista ortodoxa torna-se tarefa hercúlea, conforme em parte destes estudos já citados apontam” (Silva 2020: 13). Também no epílogo, Silva (2020) situa o lei-

tor que seu ensaio busca sintetizar, já no título, o problema central, um mergulho sobre uma fluída fluída estética do vazio que permeia o Acre na primeira metade do século XX.

Silva (2020) inicia o capítulo 1 com a citação do poema “Acalanto do seringueiro”, do escritor paulista Mário de Andrade. Situa o leitor quanto ao contexto do poema e pontua que o seringueiro foi tomado pelo eu-lírico do escritor Mário de Andrade como um sujeito primitivo. Esse termo entendido como original e não maculado pelo estrangeiro. Esse sujeito primitivo foi uma busca incessante dos artistas modernistas. O contexto abordado no poema é justificado pelo recorte de análise de Silva (2020), quando afirma em “centrar cronologicamente no Acre do período que se estende desde a sua organização administrativa pela União em 1904 até próximo ao fim do Território Federal em 1962” (Silva 2020: 26). Nessa perspectiva, utilizando-se de diversas narrativas como escritos memorialísticos, fotografias, obras literárias e matérias jornalísticas sobre o Acre, a análise enfoca as múltiplas vozes dos sujeitos, naqueles contextos, buscando as ausências e explicando o não dito ou desexplicando o dito.

No decorrer do capítulo 1, percebi uma busca por narrativas que representam o Acre como um lugar vazio, distante, incivilizado e isolado. Silva (2020) busca, em uma diversidade de narrativas, como nas “Cartas do Acre”(1910, memórias), de Antônio José de Araújo; “Deserdados” (1922, romance), de Carlos de Vasconcellos; “A Represa: romance da Amazônia” (1942, romance), dentre outras obras, vozes de sujeitos ficcionais ou não,

compreendendo essas fontes como crônicas. O autor explica que analisa “essas narrativas textuais genericamente como crônicas, entendendo os textos (as crônicas) como representações discursivas de suas épocas, datadas no tempo (*cronos*) e construídas pelos seus autores a partir de experiências e visões de mundo que tinham em relação ao Acre” (Silva 2020: 26).

O autor esclarece que os textos são materialidades históricas e culturais, portanto, são fatos, que auxiliam na compreensão do passado. Silva (2020) não faz uma análise linguística aprofundada dos textos, opta por privilegiar as narrativas e seus diálogos com outros campos. É interessante perceber quando ele analisa as narrativas, a questão da distância nelas encontradas em relação ao Acre e a “Amazônia”. Ele enfatiza que nos textos “Há uma distância que é estética, de (des)gosto, de (des)semelhança e de afeição ou rejeição” (Silva 2020: 27). Esse distanciamento, segundo o autor, é encontrado até mesmo em alguns escritores da Região Norte. A partir das análises de várias narrativas, ele conclui o capítulo 1 enfatizando que a “Amazônia” e, especificamente, o Acre, foram representados como um lugar distante, vazio, como se fosse “um amontoado de coisas agrupadas numa completa desordem” (Silva 2020: 56).

No capítulo 2, “Bichos, florestas e doenças: o outro mundo selvagem”, o autor cita, para começo de discussão, o poema “Só”, escrito por alguém chamado Benedicto Bellem. No poema, é refletida a imagem de uma “Amazônia” exube-

rante. Segundo Silva (2020: 58), “Sua descrição inicial é da perspectiva de quem olha a partir de uma clareira o espaço circundante tomado em todas as direções horizontais pela imponência da floresta” (Silva 2020:58). O autor pontua que a “Amazônia” foi representada, desde antes de se chamar “amazônia” assim, como um lugar capaz de provocar medo, espanto, admiração etc. Desse modo, a natureza sempre chamou atenção e em “seu sentido estrito foi desde o primeiro momento a fonte de todas as representações, algo peregrino ainda nos dias de hoje” (Silva 2020: 58).

Partindo da discussão sobre as narrativas e representações da “Amazônia”, Silva (2020) considera que no século XX, o Acre é uma expressão tardia desse distanciamento, pois “O Acre é a metonímia que ocupa o lugar da Amazônia dos séculos anteriores: localidade não abrasileirada, vazia e à parte da história nacional” (Silva 2020: 59). Desse modo, o autor no decorrer do capítulo 2 enfoca as representações da natureza do Acre, abordando a fauna e a flora, ora vistas como riqueza e exuberância, ora selvageria.

Segundo o autor, animais pequenos e de médio porte da fauna local são apontados nas narrativas como perigosos e selvagens, enquanto micro-organismos e insetos como incômodos ou pragas. Algumas plantas também são descritas como venenosas. Nesse capítulo, o autor analisa matérias jornalísticas para compreensão da relação natureza e urbanização naquele contexto, perpassando por narrativas e as desexplicando. Silva (2020) finaliza o capítulo 2 comentando a citação de uma matéria da revista “A Semana”,

de 1943, que descreve o Acre como um lugar distante e como um “mundo à parte”.

O capítulo 3, intitulado “Índigenas e caboclos no caminho da conquista e da colonização”, é iniciado com uma discussão sobre a questão de uma ausência em relação aos povos nativos e ao território nas narrativas dos colonizadores no processo de colonização do Brasil e da “Amazônia”. Segundo ele, “As ausências humanas começavam pela própria dúvida em relação à humanidade daquelas gentes nativas, que quando muito eram rotuladas no mínimo como infantis e atrasadas” (Silva 2020: 86). Opostas a essas ausências também havia os relatos sobre a exuberância e a grandiosidade da natureza, principalmente, em relação ao ambiente florestal, faunístico e aquático.

No decorrer do capítulo 3, o autor aborda a visão do colonizador sobre os povos nativos e mestiços, citando como exemplo um texto de Aurélio Pinheiro, escrito em meados de 1930, em que “expressa em seu texto um olhar que rebaixa o caboclo como sujeito racializado com sangue e modos de vida de herança indígena e do branco. Mas claramente preponderando para o atraso e a inatividade que seriam atavicamente de procedência indígena” (Silva 2020: 86). Para o autor, essa visão está presente em muitas narrativas, representando sujeitos definidos como inferiores, que habitam esses espaços vistos como exóticos. Silva (2020) busca, no decorrer do capítulo 3, construir sua argumentação a partir da problematização das narrativas analisadas sobre a condição humana dos povos originários e caboclos.

Analisando algumas narrativas, ele discute como os indígenas são representados nas obras que têm localização espacial na região acreana. E, explicando que “Em *Deserdados* os indígenas que habitam a região das bacias dos rios Iaco e Purus não tem nenhum protagonismo histórico, fazem parte mais da natureza em sentido estrito, de uma condição pré-civilizada e sem nenhum atributo de beleza, de faculdades criativas e de engenhosidade” (Silva 2020: 92).

Nas fontes analisadas pelo autor, ele aponta os problemas de representar os indígenas e caboclos como sujeitos inferiores, muitas vezes relegados ao apagamento. É interessante perceber como as narrativas discursivas e imagéticas funcionam como um mecanismo de estereotipar e apagar sujeitos.

No capítulo 4, intitulado “As disputas pelo acre: narrativas do risível e do heróico”, o autor enfoca as questões históricas da origem do Acre, mencionando as disputas territoriais, que culminaram no Acre que conhecemos hoje. O autor, afirmando que “O Acre não deixa de ser um espólio colonial tardio que refletia uma herança bruxuleante das disputas lusas e hispânicas na região” (Silva 2020: 112). Nesse contexto de disputas territoriais, as narrativas também disputam quem representar. O autor escolhe para sua narrativa, com relação à abordagem da questão acreana, charges da época, pois, segundo ele, “A charge é, portanto, caracterizada por ser uma representação satírica de uma pessoa, de um acontecimento, de uma situação em evidência numa determinada época e que é traduzida pelo traço

e subjetividade do seu autor” (Silva 2020: 114). Para o autor, as charges são crônicas que só podem ser compreendidas se contextualizadas. Por isso, são relevantes para a compreensão de representações coletivas. A partir das análises de diversas charges sobre a questão acriana, o autor discute e aponta os “heróis” acrianos. Em suas palavras, o primeiro grupo de heróis:

são os proprietários seringalistas, os comerciantes e as autoridades locais que contribuíram com apoio logístico e humano no enfrentamento contra os bolivianos nos anos finais do XIX e iniciais do século XX e daí emerge em grandeza tornada sublime a figura de Plácido de Castro como foi dito há pouco, secundada por alguns antecessores e epígonos menores (Silva 2020: 132).

Além de Plácido de Castro, há um processo de construção de heroísmo do diplomata Barão de Rio Branco, quase sempre fora do Acre. Outro grupo de “heróis” acrianos é o “coletivo de heróis anônimos, chamados genericamente de seringueiros, cearenses e posteriormente nomeados de veteranos da Revolução Acreana” (Silva 2020: 132), esses quase sempre referidos de forma genérica, diferentemente do ocorreu com algumas personalidades da história acriana.

No epílogo, Silva (2020) faz algumas reflexões sobre o seu ensaio, colocando-se como parte do texto e do contexto e não como alguém que tem a pretensão de revelar uma verdade, de forma distante e neutra. Isso se justifica na afirmação do autor, pois ele nasceu em um seringal no Acre, mora no Acre, é um pesquisador das Ciências Humanas e atua na única universidade pública

da Amazônia acriana. Em suas palavras:

Essas narrativas aqui destacadas e apresentadas expressam em muito aquilo que poderíamos hoje classificar como preconceito geográfico, elas foram gestadas no passado, mas grande parte delas continuam entre nós e não são tão anacrônicas assim — não são, pois, um passado que passou (Silva 2020: 146).

Nas diversas questões abordadas pelo autor, a contribuição mais importante para o leitor, em minha visão, talvez seja o pensar sobre o Acre de hoje, em suas raízes com um passado não tão distante e não tão incomum. Pensar, sobretudo, nas vozes silenciadas e nas narrativas de outros sujeitos, ignorados na construção de uma história oficial. Essas narrativas analisadas por Silva (2020) são carregadas de visões dos colonizados, provocando apagamentos de sujeitos, construindo um “heroísmo” forjado de algumas personalidades de um pequeno grupo dominante.

Em minha percepção, Silva (2020), desexplica as narrativas analisadas, mas explica seus problemas e aponta como essas narrativas são fundamentais para a compreensão não só do pretérito, mas do presente. O autor, ao colocar de forma bem fundamentada, sua visão dos fatos, ao falar do óbvio para além do óbvio, provoca um debate interessante, sobretudo, em relação às subjetividades que podem ser contrapostas à história oficial. O autor apresenta uma versão do não dito, possibilitando que o leitor reflita sobre as representações e apagamentos de sujeitos na construção de narrativas históricas.